Entre (a pintura e seus) parênteses

Julio Plaza

Em uma época em que todos os meios são sincrônicos, Dudi Maia Rosa demonstra que é preciso trocar de meios para fazer uma arte contemporânea e vigorosa

Cada dia é mais fácil pintar quadros. Cada dia é mais raro pintar pintura. Tem parede que pede quadro. Tem pintura que reclama espaço. Qual é a diferença? Cada dia é mais difícil inventar a ar-

Três referências inter-relacionadas que tencio-Três referências inter-relacionadas que tencionam a arte pictórica; — Pintura-em, alguma qualidade ou aspecto. Pintura em si mesma. Artecontemplação. O mental, o analógico. — Pinturade, algum objeto do mundo, pintura de pintura. Arte-ação, o energético, conflito corpo-pintura. — Pintura-para, o conhecimento do mundo. Quadrojanela. Arte-atilidade lógica.

Três referências e duas polaridades: apresentação/representação, criação/consumo que definem o artista e suas implicações estéticas e ideológicas, pois ele é um configurador-configurado configurado.

Quadro-janela é representação e "reflexo", é também refração. Pintura é apresentação. O quadro está para o óleo como a pintura está para o olho (e os demais sentidos).

(Pintura) é pintura mais configuração, mental. O-Todo-ao-mesmo-Tempo, o atemporal igual ao

(Pintura), configurada com o corpo e sua ener-gia. A (pintura) tende para a auto-referência, pa-

ra o concreto, para sua talidade, tal como ela é, uma pura qualidade; negação da negação, por-que toda representação é a negação do que repre-senta e também porque "não há escrita mais arti-ficial que aquela que pretende pintar de mais per-to a natureza" to a natureza"

(Pintura), pintura de pintura que transcria a configuração de seu suporte — porque este não é neutro, mas cultural.

Contra o quadro quadrado

Dois dispositivos: o energético e a montagem. O corte cubista não figurado, se rebate topologicamente sobre seu espaço original. O pintor não se contenta com modelar a pintura, mas seu suporte e em decorrência o espaço contíguo que delimita e absorve, pois este espaço não é homologado automaticamente pela pintura suporte.

Contra o quadro quadrado e/ou retangular como código coercitivo.

Trânsito de sentidos, desautomatização da pin-

tura, estranhamento, pois a pintura não é uma coisa, mas uma série completa de atividades inter-relacionadas de diversos modos.

A significação, a produção de sentido, emerge através da montagem de suportes-formas, configurações-pinturas, pinturas-superfícies, pacomigurações-pinturas, pinturas-superficies, palimpsestos de pinturas (entre parênteses). Pinturas-qualidades que "nada" dizem pois são em si mesmas, "talidades", tal como elas são na sua singularidade, pois se movimentam no espado de pura analogia por condensas a como de sua como

sua singularidade, pois se movimentam no espaço da pura analogia, por condensação, numa sintaxe clara.

A (pintura), o espaço pictórico, imprime sua marca que é a marca do corpo, a metáfora do artista. O meio, a produção material é a relação energética como poética. (Pintura) resolvida no espaço do aqui-agora da cor-corpo-suporte. (Pintura) sem figura pois ela é transposta para a moldura, tensionando-a, para transformá-la num objeto (entre parênteses).

Pois negar a arte dentro da arte é reinventar

Pois negar a arte dentro da arte é reinventar a arte.

Revolver, resolver, dissolver

A (pintura) como tradução energética dos sentidos da Arte Moderna que refaz seu percurso nos caminhos da contemporaneidade. E, sobretudo, o "malfeito" como qualidade — observar que toda arte de produção é "malfeita", em contrapartida, toda arte de reprodução é bem feita —, como crítica e denúncia da "boa pintura", especialmente a moderna — já decodificada e kitschizada.

da. O humor, o "negro", o colorido e irônico como montagem paródica que restabelece o sadio equilíbrio arte-corpo-mente, assim como os poros da pele vêem, sentem e pensam. O humor usado para proteger vulnerabilidades. "Pois a melhor para proteger vunierabilidades. I vis a monar razão para se opor aos modos estrangeiros é ge-rar um sentido de vitalidade e prontidão, um inte-resse na vida que só advém quando se vive

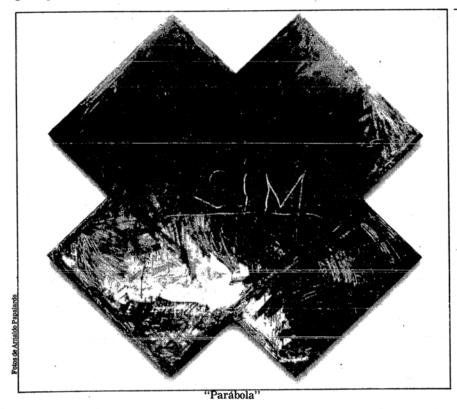
resse na vida que so auvem quando se vive através do choque do contraste e a diferença."

Mas é na relação pintor-pintura que se instala a conveniência-simpatia entre os dois, a alegria, o prazer de pintar, o energético, o conflito assumido e o sensorial como conveniência. Pintura que se revolve-resolve-dissolve no seu fazer que é o que interessa ao pintor em seu território. Com a cor e o corpo reinstauram-se os liames que unem o pintor à sua pintura. Esta conveniência — que é uma forma de similaridade por simpatia entre as coisas contíguas — gera uma congruência (harmonia) entre pintura e pintor. Esta harmonia só existe quando o pintor faz uso total das suas potencialidades e possibilidades, do uso de um padrão que no caso de Dudi Maia Rosa se configura esta titude o presididão. na atitude vitalista da prontidão.

na atitude vitalista da prontidao.

Arte verdadeira existe quando a congruência é
tão perfeita que tudo parece simples e fácil, no
exercício sempre arriscado da arte.

É que a pintura, como toda arte, hoje, não pode
ser vista com olhos ingênuos, como sistema de referenciação — "documentação" e "observação"
do "real" —, pois ela é, no seu exercício, uma ati-▶



FOLHETIM, 24 de outubro de 1982

vidade bem real que reinscreve a história e seu sujeito histórico que é o pintor. A linguagem da pintura não é inocente. Fazer pintura, hoje, é fazer pintura face à história, e é nesse diálogo que a pintura pode instalar o singular diferencial, pois o presente é determinado pelas imagens legíveis do nassado.

passado.

O artista contemporâneo define-se mais pela sua escolha no repertório da tradição do que pela sua "originalidade", visto que esta — e mesmo a "volta às origens", como "a procura da identidade" — não passa de uma invenção da metafísica idealista, pois quando comparamos originalidades entre si o que obtemos são diferenças em similaridades. Pois é na qualidade analógica que a criação encontra seu lugar de origem. É neste território da criação que se gera a tensão entre o similar e o dissimilar.

Política e ética na poética

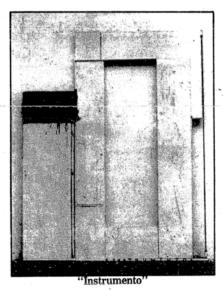
Consciência da criação contemporânea é a consciência que vê o passado em tradução sincrônica com o presente, pois não é mais possível revolucionar a pintura — a Arte Moderna já fez isso como crítica —, tão só reinventá-la. É por isso que a vanguarda não é mais possível — ao menos em pintura. O que se chama de "Transvanguarda" — Documenta de Kassel 82 — em pintura, não é mais do que a inscrição da liberdade individual no marco histórico, daí a "Transvanguarda" ser a transmutação e o diálogo com a arte pictórica da Arte Moderna.

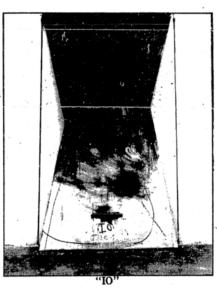
Numa época em que todos os meios são sincrônicos, Dudi Maia Rosa demonstra que não é preciso trocar de meios para fazer uma arte contemporânea e vigorosa, pois que ela nasce no puro espaço da atemporalidade, tornando-se histórica em contato com o real e os meios.

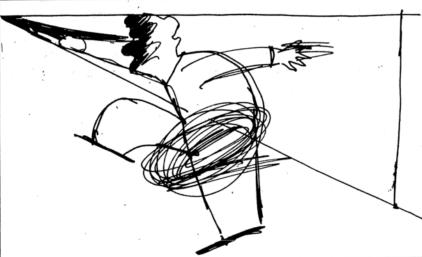
Ao dialogar com pintura da pintura, Dudi ousa não fazer aquilo que a recepção "democrática" quer, isto é, uma arte utilitária orientada para a recepção negadora da diferença individual, e isto é suficiente como afirmação política e ética dentro da poética.

Afinal,como já observou John Cage:..."a arte é um ato criminoso, não obedece regras, nem as suas próprias". E o verdadeiro artista é aquele que oculta suas dificuldades, quando a harmonia é tão perfeita que tudo parece simples e fácil.

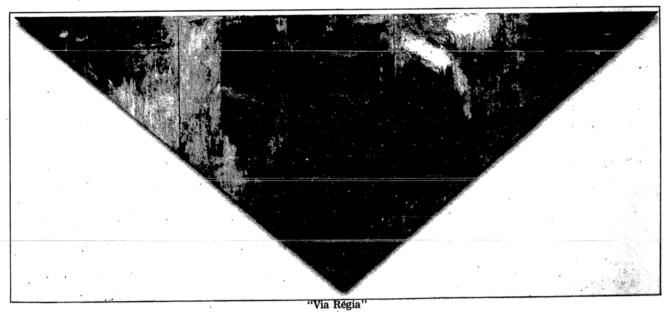
Julio Plaza é artista gráfico e plástico, editor e professor na Escola de Comunicações e Artes da USP e na Faap.







Cudi Maia Basa pintanda gegunda Guta I Bosa



FOLHETIM, 24 de outubro de 1982

- 11